

A DESMOTIVAÇÃO DE CRIANÇAS DURANTE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Giana Weber de Oliveira^{*}

Joseane Oliveira dos Santos^{**}

Arlindo Weber de Oliveira^{***}

Resumo: Este trabalho aborda a temática da desmotivação de crianças durante o processo de alfabetização. Justifica-se devido a necessidade de enfatizar este assunto nos primeiros anos do ensino fundamental, pois entende-se que há um processo o qual ficará debilitado nos próximos anos quando não bem atendido e superado suas deficiências de aprendizagem. A alfabetização é um processo complexo, a qual envolve inúmeras áreas do conhecimento, bem como suas particularidades. Depende de cada criança o processo de desenvolvimento de suas competências, pois as habilidades são promovidas e estimuladas pelos professores. Neste processo muitas vezes encontramos casos de desmotivação, os quais são intrínsecos. Nesta situação atua de modo diferenciado o papel do professor. Este como um estimulador, coordenador e gerenciador das múltiplas competências positivas e criativas para o aluno. Desta forma é oferecido aos alunos um Plano de Atendimento ao Aluno- PAA, o que busca um acompanhamento direto através de novas atividades, as quais possam satisfazer suas expectativas quanto ao aprendizado e o sucesso escolar.

Palavras-chave: Alfabetização.Processo.Educação.Desmotivação.

Introdução

Este pré-projeto justifica-se através de pesquisa bibliográfica fonte para analisar as causas e consequências da desmotivação no processo de alfabetização.

^{*} Formação em Pedagogia Licenciatura pela UFSM, Especialização Educação Ambiental, Mestrado em Engenharia de Produção e aluna Pós- Graduação Especialização Psicopedagogia Institucional ULBRA. Escola de Ensino Fundamental Vicente Pallotti. E-mail: gianawo@yahoo.com.br

^{**} Formação em Educação Especial e aluna Pós-Graduação Especialização Psicopedagogia Institucional ULBRA. Especialização Educação Infantil pela UCB e aluna Pós-Graduação Especialização Psicopedagogia Institucional ULBRA. Escola de Ensino Fundamental Vicente Pallotti. E-mail: jose.pallotti@gmail.com

^{***} Formação em Geografia e Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais. Centro Universitário La Salle- Canoas, UNILASALLE, Brasil. Brigada militar.

A motivação faz parte do processo de aprendizagem a criança, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Ela exerce função intrínseca e extrínseca às crianças. Além da motivação contribuir para o bem psíquico do aluno ela contribui para sua socialização e propicia um processo de simbiose com o ensino-aprendizagem. Para tal desenvolvimento, a relação professor x aluno deve ser construída baseada em alicerces seguros, éticos e criativos.

A aprendizagem é um processo de mudança refletida através das respostas as experiências construídas devido a fatores emocionais, neurológicos e ambientais. Pode-se dizer que a aprendizagem é construída e reconstruída diariamente entre os envolvidos neste processo de conhecimento.

A necessidade em se desenvolver este pré-projeto surge quando em momentos escolares enfrentamos a desmotivação da aprendizagem. Quais seriam as circunstâncias desta interrupção deste processo?

A Alfabetização sempre foi vista como um processo complexo, pois está diretamente ligada a inúmeras áreas do conhecimento, cada uma com suas particularidades.

Ao longo da história da alfabetização cada teórico construiu suas vertentes baseadas em seus estudos e comprovações. Durante este trabalho citarei alguns dos nomes, os quais são fonte de pesquisas bibliográficas para dar suporte ao desempenho do trabalho.

Por muitos anos pensou-se que alfabetizar era simplesmente repetir muitas vezes para que a criança internalizasse o saber. Que o ato repetitivo fosse forma de construção qualificada de aprendizagem. Mas com o passar do tempo verificou-se que esta metodologia arcaica estava totalmente defasada e anti-dialógica.

Como já estudamos em disciplinas do curso podemos perceber que cada educando possui diferentes interações com esta construção do código escrito. Pois depende da comunidade onde vive, as interações com o meio, do acompanhamento da família e do estímulo a atividades diversas vividas.

A proposta visa analisar as causas e consequências da desmotivação no processo de alfabetização no ensino fundamental. Além de caracterizar as estruturas que norteiam a desmotivação em crianças durante a alfabetização. Propõem também avaliar quais as consequências da desmotivação para o processo de aprendizagem e contextualizar dentro da aprendizagem as perdas devidas ao processo de desmotivação durante a alfabetização.

A metodologia empregada será pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo.

1 Fatores de desmotivação durante o processo de alfabetização durante o ensino fundamental

A alfabetização é um processo construído por cada criança, depende de cada indivíduo, da forma como é estimulado no meio em que vive. Depende da assimilação de cada um, assim como de sua interação com o processo de aprendizagem. As habilidades são desenvolvidas, depende do ser para executar as devidas competências.

Segundo Emília Ferreiro, (2001, p. 63), a alfabetização é “uma aventura excitante, repleta de incertezas, com muitos momentos críticos, nos quais é difícil manter a ansiedade sob controle”.

A sala de aula é constituída por várias histórias, por muitos aprendizados diferentes, não existe um perfil de turma homogêneo, logo as aprendizagens serão cada uma com seu próprio desenvolvimento. Seu tempo e sua assimilação de aprendizado.

Como sabemos a motivação humana está ligada a algumas necessidades. A teoria de Maslow, tem sua origem nas necessidades primárias. Compreende-se que uma vez satisfeita estas necessidades, o ser humano passa a buscar as próximas. Esta teoria será mais desenvolvida durante o crescimento do pré projeto.

A criança ainda em processo de construção muitas vezes não compreende suas reais intenções, podendo algumas vezes confundir seu meio com o ambiente escolar que frequenta.

1.1 O papel do professor durante a alfabetização

O professor exerce total influência na vida escolar e também pessoal da criança, pois lidera e instiga suas ações diárias, embasadas em regras e conceitos formativos.

A motivação passada pelo professor nesta fase do desenvolvimento realça a aprendizagem, o convívio em grupo, as trocas de carinho, a participação e interação nas aulas além de proporcionar processos de conquista, necessários para a auto-afirmação.

Para Burochovitch & Bzuneck (2004, p. 37) a motivação intrínseca proporciona a sensibilidade no aluno de que “a participação na tarefa é a principal recompensa, não sendo necessárias pressões externas, internas ou prêmios por seu cumprimento”.

A criatividade e o planejamento de atividades diferenciadas e lúdicas, promovem o interesse e despertam o aprendizado das crianças. Desta forma, o professor possui total

responsabilidade em planejar suas aulas de forma totalmente atraentes, diferenciadas, e estimulantes para o efetivo processo de aprendizagem.

Para Davidoff (1983, p.158) aprender é uma atividade que ocorre dentro de um organismo e que não pode ser diretamente observada; de forma não inteiramente compreendida os sujeitos de aprendizagem são modificados: eles adquirem novas associações, informações, *insights*, aptidões, hábitos e semelhantes.

Neste processo encontra-se o respeito ao educando em suas diferentes habilidades e tempos de contra resposta. Cada educando elabora sua correspondência ao saber de acordo com suas internalizações recebidas e organizadas cognitivamente.

Paulo Freire (1996, 40) relata que o meu respeito de professor à pessoa do educando, à sua curiosidade, à sua timidez, que não devo agravar com procedimentos inibidores exige de mim o cultivo da humildade e da tolerância.

Nesse sentido ressalta-se que a troca de aprendizagens ocorre também durante o processo de aceitação do outro, de experiências entre professor e aluno, o que acaba por contribuir no crescimento de ambos.

1.2 A hierarquia da aprendizagem

Abaixo segue os aspectos relativos a aprendizagem, assim como será trabalhado o diagrama da aprendizagem. Dos cinco níveis de crescentes graus e complexidade organizados.

Figura 01 - Hierarquia dos processos de aprendizagem



É necessário explicar que a vivência de cada uma destas fases está relacionada à vivência do nível anterior, revelando-se, assim, o papel da hierarquia.

Assim, entende-se o cérebro como um circuito elétrico bastante complexo que age de forma independente, mas harmônica, entre todas as suas regiões bem como com os órgãos e ações relacionados. Essa independência e harmonia é que criam, nos seres humanos, as

hierarquias destacadas anteriormente e, consubstanciadamente, a capacidade de aprendizado e associação entre categorias de conhecimento que possuímos enquanto seres pensantes.

Desta forma, a aprendizagem baseia-se em hierarquia de experiências. Dá-se em espiral dialética, com funções superpostas e interligadas que serão definidas a seguir segundo a concepção de Fernandèz (1991).

a) **Sensação** – Este é o nível mais primitivo do comportamento, referindo-se unicamente à ativação de estruturas sensoriais. É a partir deste estágio que o indivíduo pode perceber o mundo que o rodeia. Esse mecanismo é ativado a partir dos cinco sentidos: visão, audição, olfato, tato e paladar. Cada sentido desenvolve-se de acordo com a idade mental de cada indivíduo, bem como sua estrutura cerebral. Setores diferenciados do cérebro controlam cada sensação dependente de cada órgão e retornam a resposta adequada a cada sensação.

b) **Percepção** – Constitui-se na tomada de consciência relativa a sensações em progresso (interpretação do estímulo e preparação de resposta). A eficiência da percepção depende de que o aparato neurológico seja capaz de converter, adequadamente, as sensações em impulsos elétricos. Apesar de ser um comportamento neurologicamente superior à sensação, do ponto de vista psicológico é, ainda, extremamente rudimentar. No entanto, é baseado na percepção que o indivíduo irá formar imagens.

c) **Formação de imagens** – Esta fase refere-se a sensações ou informações já recebidas e percebidas (interpretadas). Está relacionada aos processos de memória já que corresponde a um registro de aspectos das experiências vividas, ainda que a elas não se associem palavras (aspectos não verbais). As imagens formadas não se restringem apenas ao nível visual; são registros de percepções oriundas de quaisquer dos órgãos dos sentidos. Incluem-se, aqui, além das imagens do cotidiano, os sons sociais não verbais (ruídos de automóveis e máquinas, vozes de animais, etc), odores característicos de diversas coisas, os sabores típicos dos diferentes alimentos, texturas de objetos, assim como também a percepção social, ou seja, expressões faciais e corporais percebidas em várias situações.

d) **Simbolização** - Habilidade descrita como exclusiva da espécie humana e que corresponde à capacidade de representar uma experiência de forma verbal ou não verbal. As simbolizações não verbais verificam-se através de símbolos visuais ou auditivos, em manifestações artísticas, musicais, religiosas e patrióticas. Incluem-se nesta categoria as capacidades de avaliar e recordar situações, emitindo julgamentos do tipo: perto – longe – grande – pequeno – alto – baixo – cheio – vazio – depressa – devagar, etc. As simbolizações verbais estão relacionadas a palavras. O ser humano apresenta três sistemas verbais: falado, escrito e lido. Tanto na história da espécie como no desenvolvimento de cada indivíduo, o primeiro destes sistemas a se instalar é o falado. Além disso, a maturidade psiconeurológica aqui exigida é menor do que nos sistemas lido e escrito. Essas considerações nos levam a compreender porque a língua falada ocupa posição de destaque em nossas vidas, predominando não apenas na infância.

e) **Conceituação** – Complexo processo mental que envolve capacidades de abstração, classificação e categorização. É preciso observar que conceituar e abstrair não são sinônimos. A abstração contrapõe-se à concretização, pressupondo um maior grau de distanciamento em relação a uma circunstância observável. Ainda assim, a experiência

abstraída pode ser e em algum momento certamente foi observada. No entanto para conceituar, também é necessário classificar e categorizar.

2 A justificativa

Este trabalho justifica-se devido a grande preocupação com a desmotivação dos alunos durante o processo de aprendizagem. Sabe-se que são muitos os fatores que corroboram para este insucesso escolar. Porém, as alternativas e ações devem ser geradas para sanar e produzir resultados qualitativos durante este processo.

A aprendizagem é processo construído diariamente por cada criança, nela está inserida questões ambientais, pessoais, sociais, econômicas, enfim, cada criança aprende de acordo com as condições vividas e as experiências de seu meio.

O objetivo deste trabalho é colaborar para uma construção significativa do saber, que aproxime a criança, ou seja, o aluno do conhecimento significativo. Que o conhecimento tenha resultados positivos em sua aprendizagem.

Para tanto é proposto um Plano de Atendimento ao Aluno- PAA-, aonde possa de certa forma, ser novamente acompanhado pela professora, através de atividades extras, as quais reforcem sua aprendizagem. Propõem-se atividades, estilo reforço, diariamente, com acompanhamento direto pelos envolvidos. Pois, o reforço de tarefas é uma das alternativas construídas para elevar a aprendizagem de alunos.

Este tipo de atividade vem contribuir para a qualificação do conhecimento dos alunos, visto que desperta o interesse, a aproximação com o professor e o envolvimento como conteúdo. Observa-se que em muitos casos somente o quesito afetividade já demonstra elevação de notas e motivação da aprendizagem. Sem desconsiderar os demais, os quais também são relevantes dentro do contexto para alcançar os objetivos satisfatórios.

Parafraseando Rovira (2004), o fracasso escolar está associado, geralmente, ao baixo rendimento escolar – notas, conceitos, processos avaliativos – bem como à adaptação social do aluno. Porém, também se trata de fracasso quando conseguimos destruir a autoestima, imagem do aluno sobre si e sobre o outro. Neste sentido, o fracasso escolar não é intrínseco ao sujeito, mas sim uma produção social.]

Percebemos, assim, que o sujeito, ao interagir com o mundo, com os objetos presentes neste, age sobre ele sofrendo a influência da ação deste sobre si, em um constante processo de adaptação, entendido como trocas de ação entre o sujeito e o meio: entendemos um indivíduo

ativo, capaz de transformar esta realidade na qual interage e de transformar a si mesmo, construindo seus conhecimentos, ou seja, a sua própria inteligência (RANGEL, 1992, p. 30).

3 Resultados

Como resultados podemos caracterizar o acompanhamento e a execução diária na realização de tarefas extras, ou seja PAA, a execução do Plano de Atendimento ao Aluno. Estas são importantes, pois além de subsidiar o crescimento, enriquecem gradualmente a aprendizagem do aluno. Tarefas estas apresentadas de forma criativa e contextualizada, conforme dito anteriormente.

Resultados positivos são encontrados quando aplicamos a proposta e acompanhamos sua repercussão através das notas e satisfações dos alunos.

Conclusão

Este trabalho conclui-se de forma satisfatória pois, alcançou seus objetivos descritos, os quais enriqueceram a aprendizagem dos alunos. Através de PAA, Plano de Atendimento ao Aluno, que contribui para reforçar a aprendizagem significativa.

Compreende-se que a desmotivação na alfabetização é algo inerente ao aluno, pois depende de suas ações e interações no meio ao qual vive. Porém, é dever dos profissionais da educação o estímulo e a perseverança em alunos com índices de insucesso e desmotivação durante sua jornada escolar.

A alfabetização é essencial aos alunos, mas critérios que reforçam sua auto estima são necessários ser diariamente resgatados, pois contribuem para a conquista e o sucesso escolar.

A educação deve ser meta constante e atuante em estabelecimentos de ensino que priorizam a ética, a responsabilidade e a qualidade de seus alunos.

Referências

BORUCHOVITCH, e ; BZUNECK, J. A. (orgs). **A motivação do aluno:** contribuições da psicologia contemporânea. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

DAVIDOFF, Linda. **Introdução à psicologia.** São Paulo: McGraw Hill, 1984.

FERNÁNDEZ, A. **A Inteligência aprisionada** – abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre. ArtMed, 1991.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**: Tradução de Marisa do Nascimento Para e Sara Cunha Lima. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Brasil: Paz e Terra, 1996.

RANGEL, Ana Cristina Souza. **Educação matemática e a construção do número pela criança**: uma experiência em diferentes contextos socioeconômicos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ROVIRA, José Maria Puig. Educação em valores e fracasso escolar. In: MARCHESI, Álvaro & GIL, Carlos Hernández. **Fracasso escolar**: uma perspectiva multicultural. Porto Alegre: Artmed, 2004.